

Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 10 (5)

October 2017

Article link

<http://www.seasinop.com.br/revista/index.php?journal=SEA&page=article&op=view&path%5B%5D=363&path%5B%5D=pdf>

Included in DOAJ, AGRIS, Latindex, Journal TOCs, CORE, Discoursio Open Science, Science Gate, GPAR, CIARDRING, Academic Journals Database and NTHRYS Technologies, Portal de Periódicos CAPES.



Corfebol na escola: uma proposta extracurricular de práticas pedagógicas por acadêmicos do curso de licenciatura em educação física

Korfball at school: a proposal for pedagogical practices in a graduation course of physical education

J. A. Paixão

Universidade Federal de Viçosa

Author for correspondence: jairopaixao2004@yahoo.com.br

Resumo. O presente artigo relata a vivência de uma proposta de práticas pedagógicas por acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física, vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Viçosa, numa escola da rede pública estadual na cidade de Viçosa, MG. Para além da articulação teoria e prática, o planejamento coletivo adotado pelo grupo de trabalho, resultou inúmeras possibilidades no trato didático pedagógico do conteúdo corfebol na escola. Sobretudo, trata-se de uma experiência que oportunizou aos acadêmicos ampliar as perspectivas compreensivas da atividade docente por meio de análise, discussão, ação e reflexão alicerçadas no campo da Didática e Metodologia do Ensino da Educação Física.

Palavras-chave: Prática pedagógica, Educação Física, escola, corfebol.

Abstract. This article aims to report a proposal of educational practices experienced by students of the graduation course of Physical Education, linked to the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência of the Federal University of Viçosa, in a public school in Viçosa, MG. In addition to the joint theory and practice, the collective planning adopted by the working group, led numerous possibilities in the development of educational and pedagogical aspects of content korfball at school. Above all, it is an experience that provided an opportunity to expand the academic comprehensive outlook of the teaching activity through analysis, discussion, action and reflection grounded in the field of Didactic and Methodology of Teaching Physical Education.

Keywords: Pedagogical practice, Physical Education, school, korfball.

Introdução

O interesse em desenvolver uma proposta de práticas pedagógicas com acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física surgiu inicialmente como parte integralizada às diferentes atividades formativas desenvolvidas no Subprojeto Educação Física do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Viçosa (PIBID-UFV) como planejamento pedagógico, avaliação do ensino e da aprendizagem, desenvolvimento de projetos educativos nas escolas parceiras, participação de atividades de formação docente na universidade e nas escolas.

Estudos na área de formação de professores evidenciam que o aprendizado do trabalho docente não passa somente pela formação acadêmico-profissional na qual são fornecidos

conhecimentos teóricos e técnicos (Guarnieri, 2005; Tardif, 2011; Pimenta, 2012). Além dos referidos conhecimentos, as experiências diretas com o fazer do próprio trabalho são fundamentais, pois é, nesta instância, que serão aprendidos, produzidos e articulados saberes práticos essenciais à atuação dos professores ao longo de suas trajetórias profissionais. Assim, o processo de aprendizagem docente resulta da articulação de diferentes saberes ao longo da trajetória profissional (Monteiro, 2001; Tardif, 2011; Pimenta, 2012).

Esses saberes foram identificados por Tardif (2011) como profissionais (saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores, como por exemplo, escolas normais, faculdades de ciências da educação), disciplinares (saberes que correspondem ao diversos campos do conhecimento e emergem da tradição cultural),

curriculares (correspondem aos discursos objetivos, conteúdos e métodos definidos nos programas curriculares de uma instituição de ensino) e, por fim, os saberes experienciais (aqueles adquiridos através das experiências práticas diretas com o fazer do próprio campo de intervenção profissional) (Tardif, 2011). A capacidade do professor de dominar, articular e mobilizar tais saberes é condição essencial para sua prática de intervenção cotidiana.

Nessa perspectiva, possuir uma base de saberes na atuação profissional não se traduz tão somente em deter conhecimento, mas também uma compreensão crítica de como esses saberes devem ser adequadamente relacionados com a prática (Graça, 1999). Em outras palavras, trata-se da construção do pensamento prático, que orienta e governa a interpretação e os modos de intervir diante de uma situação problema na escola como campo real de intervenção pedagógica.

No entanto, nem sempre as condições em que decorre a formação inicial, em muitos cursos de licenciatura no país, incluindo-se nesse rol a Educação Física, garantem ao futuro professor a apropriação da base de saberes necessária à docência (Huberman, 2007; Pimenta & Ghedin, 2005). Essa situação demanda esforços no âmbito acadêmico para propostas e iniciativas que visem minimamente amenizar possíveis impactos negativos na formação inicial de professores.

Em virtude do panorama de formação inicial de professores, buscou-se implementar uma proposta de práticas pedagógicas que propiciasse aos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física – bolsistas do PIBID-UFV –, vivências que pudessem mobilizar os saberes docentes na Educação Física escolar, tendo como objeto de intervenção o ensino da modalidade esportiva denominada corfebol¹.

Nessa perspectiva, o objetivo desse estudo foi apresentar resultados de uma proposta de práticas pedagógicas no contexto extracurricular de formação inicial de professores de Educação Física para atuar na Educação Básica.

A proposta

Para melhor compreensão da proposta aqui relatada na e para a formação profissional docente dos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física, faz-se necessária breve descrição de como está estruturado o Subprojeto Educação Física na UFV. O Subprojeto conta atualmente com dois coordenadores de área, professores do departamento de Educação Física, atuantes no curso de licenciatura da UFV, quatro supervisores, professores licenciados em Educação Física, atuantes em escolas de Educação básica e 30 bolsistas de iniciação à docência, divididos nos quatro segmentos que compõem a Educação Básica, denominados “núcleo educação infantil”; “núcleo do ensino fundamental I”; “núcleo ensino fundamental II” e, por fim o “núcleo ensino médio”. Os dois primeiros funcionam em duas escolas da

rede pública municipal e os dois últimos em uma escola da rede pública estadual na cidade de Viçosa, MG. Cada coordenador de área responsabiliza-se por dois núcleos. Dentre os critérios adotados no escalonamento dos acadêmicos nos referidos núcleos, destaca-se a disponibilidade deles, haja vista os compromissos curriculares, como os horários de aulas do curso, monitorias e outros.

Os bolsistas perfazem semanalmente a carga horária de trabalho de aproximadamente 12 horas nas quais se buscam contemplar diferentes experiências formativas que fundamentam o referido Projeto institucional, tendo a escola e as atividades nela desenvolvidas como um dos principais focos. Visando ampliar e diversificar as vivências dos acadêmicos em diferentes realidades, contextos e com alunos dos segmentos que compõem a Educação Básica, a cada semestre os bolsistas são redistribuídos numa espécie de rodízio entre as escolas-parceiras, onde se trabalha um tema definido pelo grupo no início de cada semestre letivo. Por se tratar de acadêmicos que se encontram em diferentes períodos do curso – o que acentua a diferenciação entre eles no que se refere à percepção do trabalho docente e do contato com os saberes trabalhados nas diferentes escolas e que são provenientes do curso de formação inicial –, busca-se privilegiar o trabalho coletivo permeado por leituras e discussão da produção científica que contempla temas relacionados à educação, à escola, ao planejamento, prática docente e Educação Física escolar.

Quanto à estrutura das atividades formativas do Subprojeto, cabe lembrar Pimenta (2007) que afirma que experiências dessa natureza oportunizam aos acadêmicos se perceberem como futuros professores trabalhando coletivamente nas escolas, enfrentando o desafio de conviver (falar e ouvir) com linguagens e saberes diferentes daqueles de seus campos específicos.

Quanto às atividades desenvolvidas pelo Subprojeto nas escolas parceiras em um dado semestre, são planejadas em dois momentos por um núcleo. Uma reunião semanal, de aproximadamente duas horas, com a participação ativa do coordenador de área, supervisor e dos acadêmicos (denominados bolsistas de iniciação à docência); e outra reunião semanal de aproximadamente quatro horas com a participação dos acadêmicos. No início de cada semestre letivo, busca-se um consenso entre o planejamento do professor da disciplina e o planejamento do Subprojeto, bem como a consideração do calendário escolar, visando ampliar as oportunidades de entrosamento e intervenção dos bolsistas em eventos comemorativos das escolas parceiras, como, por exemplo, projetos interdisciplinares, datas comemorativas e eventos didáticos, científicos e culturais.

A partir de reuniões com integrantes do núcleo ensino fundamental II, definiu-se o tema corfebol e se estruturaram as ações a serem

propostas nas turmas atendidas pelo PIBID-UFV na escola parceira em questão

Nas conversas que desencadeou a escolha e definição do conteúdo corfebol, o supervisor desempenhou papel essencial, pois forneceu ao núcleo um conjunto de dados referentes àquela realidade tais como os espaços destinados às aulas de Educação Física, bem como os espaços que pudessem ser reinventados, conteúdos trabalhados até então e a possibilidade de propor conteúdos que diferiam dos já trabalhados no referido período letivo e, ainda, informações, tais como número de alunos, quantos meninos e quantas meninas, a vivência deles com relação aos conteúdos, sobre as turmas que seriam atendidas.

Apesar da prevalência da hegemonia do conteúdo esporte, mais precisamente as modalidades futsal, voleibol, handebol e basquetebol numa perspectiva tecnicista nas aulas de Educação Física (Mello et al.; 2011; Millen Neto; Ferreira & Soares, 2011), de certa forma, a escolha do corfebol foi entendida pelo grupo como um desafio, haja vista o desconhecimento dessa modalidade esportiva no âmbito da Educação Física escolar nas escolas de educação básica no país (Cahue, 2006). No entanto, não se ignorava a possibilidade de subverter a lógica prevalecte nas aulas de Educação Física da exclusividade na Educação Básica das mesmas modalidades esportivas já mencionadas e, com isso, a oportunidade de os alunos terem o contato com uma nova modalidade. Isso por se entender que a escola é um lugar para a construção da experiência humana e suas manifestações culturais, produções do homem social que devem ser perpetuadas, transmitidas e usufruídas (Vago, 2012). Assim, o corfebol foi identificado pelo grupo como prática corporal que se diferencia da maioria das modalidades esportivas coletivas tradicionais pelo seu caráter eminentemente inclusivo. Trata-se de uma modalidade esportiva cujos deslocamentos não exigem grande velocidade e não há disputa de força, permitindo a participação de pessoas obesas, deficientes físicos ou pessoas com pouca coordenação motora. No que se refere à categoria gênero, homens e mulheres jogam juntos dentro de uma mesma equipe, prevalecendo a noção do grupo que busca criar estratégias e, assim, marcar o maior número de cestas.

Dentre as expectativas esperadas com a proposta de experiência se encontravam a) compartilhar com os alunos do ensino fundamental II o conhecimento a respeito da modalidade esportiva corfebol; b) desenvolver ações para incluir ao máximo os alunos das turmas atendidas, considerando a categoria gênero, seus interesses e suas limitações; c) trabalhar a reflexão teórico-crítica da aplicabilidade de conhecimentos na área da didática e metodologia do ensino, a partir da estruturação coletiva de um projeto de ensino, sua efetivação na realidade concreta da escola, bem como as discussões e avaliação das ações pedagógicas realizadas; d) propiciar envolvimento

do acadêmico com o trato do conteúdo esporte - modalidade corfebol - como meio de intervenção pedagógica na escola.

Quanto à escola em que foi desenvolvida a experiência de práticas educativas, é da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Viçosa, Minas Gerais, nas dependências do Campus Universitário da Universidade Federal de Viçosa. Essa escola atende, em média, 950 alunos subdivididos nos seguimentos anos iniciais e finais do ensino fundamental, ensino médio e ensino de jovens e adultos (EJA) nos três turnos. No turno da manhã, concentram-se turmas dos anos finais (8º e 9º anos) e ensino médio; no turno da tarde, anos iniciais e finais (5º, 6º e 7º anos) do ensino fundamental e, no turno da noite, as turmas de EJA. Ao contrário do que se percebe em muitas escolas, onde predomina a hierarquização entre as áreas dos saberes, na escola em questão, a Educação Física compartilha juntamente com os demais componentes curriculares relevância no processo de formação dos alunos. Pelo grande número de alunos por turno, as aulas práticas são realizadas em dois espaços: numa quadra poliesportiva e numa área que tem uma parte gramada e outra de terra. Os demais espaços como biblioteca e sala de vídeo são compartilhados com as demais disciplinas. O quadro de docente é composto por quatro professores, sendo três efetivos e uma contratada. Todos licenciados em Educação Física com especialização *lato sensu* na área. Dois desses professores (um professor e uma professora) são bolsistas, supervisores do Subprojeto Educação Física do PIBID-UFV. O professor é supervisor do núcleo ensino fundamental e a professora do núcleo ensino médio.

De posse das informações obtidas a partir das observações dos acadêmicos na escola e do supervisor daquele núcleo, iniciaram-se as reuniões de planejamento para sistematizar as ações pedagógicas com vistas à efetivação das práticas educativas de um projeto de ensino que se encontrava em pleno andamento.

Assim, considerando-se a organização da escola e o horário de aulas do professor que se encontrava à frente das turmas do ensino fundamental II que, por sua vez, era o supervisor, definiu-se que o projeto de ensino, como parte integrante da programação prevista no planejamento do professor na escola, seria trabalhado no turno da tarde. Tendo em vista a disponibilidade dos acadêmicos, foi acordado que, em média, cada dupla ficaria responsável por uma turma a partir de um conjunto de procedimentos que foi definido pelo grupo. Dentre os procedimentos incluíam-se: observação, atuação coparticipativa junto ao professor nas aulas, ministrar aulas com o acompanhamento do professor supervisor e, avaliação, tendo como parâmetro o plano de aula. Essas turmas, nas quais se adotava o trabalho integrado entre meninos e meninas compunham-se em média por 35 alunos.

As práticas educativas e sua sistematização

Ao se considerar os objetivos da presente proposta de práticas pedagógicas, optou-se, no grupo, por um projeto de ensino fundamentado do ponto de vista metodológico numa perspectiva crítica de ensino.

A opção por uma perspectiva crítica de ensino conferiu à proposta de práticas pedagógicas um caráter problematizador no trato do conteúdo definido como temática a ser desenvolvida. Assim, as contextualizações proporcionaram uma aproximação com a formação do pensamento crítico reflexivo sobre a prática de intervenção no trato da modalidade esportiva corfebol como conteúdo tematizado nas aulas de Educação Física escolar. Ressalta-se que o caráter problematizador foi possível nos diferentes momentos da proposta devido à postura dialógica adotada pelos participantes envolvidos nessa proposta de prática pedagógica. Como implicação direta dessa postura, os alunos das turmas atendidas na escola foram considerados como sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Faria et al. (2010), as práticas dialógicas têm o potencial de promover rupturas significativas com práticas tradicionais, centradas na figura do professor.

Tendo em vista que o tema definido para o projeto de ensino – corfebol – era uma modalidade esportiva desconhecida pelos integrantes do núcleo ensino fundamental II, o primeiro passo foi realizar um levantamento nas bases de dados, sites especializados e ainda com professores vinculados a outras instituições de ensino superior, informações e bibliografia especializada sobre o referido conteúdo. Ao final de duas semanas de busca, foi possível reunir um acervo considerável sobre o corfebol que incluiu artigos, regras oficiais e vídeos. As reuniões ganharam a estruturação de oficinas nas quais os acadêmicos eram encorajados a estarem de posse dos itens do referido acervo, com vistas ao processo inicial de apropriação daquela modalidade esportiva.

Vencida a fase de estranhamento sobre a modalidade corfebol, buscou-se entender a dinâmica do jogo, suas regras, possibilidades de estabelecer interface com a categoria gênero, materiais pedagógicos empregados e os procedimentos necessários para inserir aquele conteúdo nas aulas de Educação Física nas turmas de ensino fundamental II. Ainda que essa fase do projeto de ensino acontecesse de forma mais intensa na universidade, na escola, o trabalho preliminar acontecia de forma simultânea. O supervisor e os acadêmicos iniciaram a introdução ao corfebol junto às turmas. Apresentou-se o tema e os alunos começaram a pesquisar, discutir e elaborar murais sobre a modalidade o que lhes gerou expectativas. Nessa fase, não foi preciso usar material alternativo, pois a escola possuía o material necessário para a atividade.

O projeto compôs-se por nove aulas por turma, pois ocorreu no segundo semestre de 2015, período marcado por uma série de eventos e

situações como chuvas ocasionais, festividades e recessos escolares. A metodologia estrutural das aulas foi 1 aula envolvendo os aspectos gerais do corfebol; 4 aulas de jogos pré-desportivos; 2 aulas de jogo propriamente dito e; 2 aulas para o desenvolvimento de um mini torneio.

Estabeleceu-se que a elaboração dos planos de aula seria coletiva. Os acadêmicos desenvolveram a primeira versão tendo em vista a realidade da escola e das turmas que seriam atendidas, o conhecimento da teoria sobre a modalidade corfebol, a possibilidade de sua inserção nas aulas de Educação Física e a fundamentação metodológica a partir da abordagem crítica superadora. Em seguida, numa reunião com todos os integrantes do núcleo, leu-se e se discutiu o plano, considerando-se as versões elaboradas pelos acadêmicos que foram ponto de partida para a versão final em que o coordenador de área, fundamentado nos conhecimentos de didática e de metodologia do ensino mediava as considerações dos integrantes do grupo. Buscou-se encorajar os acadêmicos a se manifestarem sobre as questões que estavam em discussão. A intenção era que todos os acadêmicos participassem ativamente nos planos de aula que seriam colocados em prática na escola. Em outras palavras, que eles verdadeiramente se apropriassem daquela proposta de aula. Para tanto, as reuniões gerais do núcleo, com a finalidade de discussão dos planos de aula antecediam a sua efetivação na escola. Ressalta-se que, nessas reuniões, era reservado um momento específico para o relato pelos acadêmicos das situações observadas nas aulas anteriores ocorridas na escola.

Tardif e Raymond (2000), ao analisarem sob a ótica dos professores os saberes que subsidiam as suas práticas docentes, observaram que os conhecimentos teóricos obtidos nas universidades não mantêm correspondência completa e satisfatória com os saberes da prática. Em um estudo realizado com acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física, Borges (2005) descreve um sentimento de rejeição por parte dos acadêmicos sobre o curso de formação inicial principalmente naqueles momentos em que não conseguiam articular teoria e prática quando estavam em campo realizando os estágios e as práticas de ensino. Assim, as ações desenvolvidas nessa proposta de práticas educativas vislumbra, sobretudo, um caminho para minimizar a dissonância entre teoria e prática e o distanciamento entre contexto de formação inicial e contexto de atuação profissional nos anos iniciais no magistério (Candau, 2011; Zeichner, 2013; Giroux, 1997).

Relatada a fase de sistematização de procedimentos e ações das práticas educativas, descreveu-se a seguir a experiência na escola.

O trato didático pedagógico do corfebol na escola

A 1ª aula buscou identificar o conhecimento dos alunos sobre o corfebol tendo em vista a

recomendação feita anteriormente para que eles pesquisassem sobre a modalidade. No primeiro momento, foi realizado um *quiz* estruturado com questões que abordaram histórico, curiosidades e contextualização da modalidade no Brasil e nos países em que é praticado. Como se tratava de um conteúdo inédito para as turmas, foram disponibilizadas opções de respostas para cada questão. Em alguns momentos, os alunos empregaram o conhecimento prévio de outras modalidades esportivas nas respostas emitidas, algumas respostas se destacaram naquele contexto como, por exemplo, “O Corfebol é uma mistura de basquete com futebol de mão e handebol.” “Nós vamos ter que jogar com as meninas? Não pode ser separado?”. “Achamos que o Corfebol tinha sido criado nos Estados Unidos, porque o Basquete foi.”

O segundo momento da aula consistiu na apresentação de vídeos sobre a modalidade no intuito de proporcionar aos alunos uma visão geral do jogo. Na sequência, buscou-se estabelecer um círculo pedagógico em que foram enfatizados os principais aspectos sobre o tema tratado na aula.

Na 2ª aula, foram abordados os elementos técnicos básicos da modalidade através de jogos realizados numa perspectiva lúdica. Inicialmente, retomaram-se com a turma informações tratadas na aula anterior. Em seguida, deu-se início a primeira atividade prática em que foi trabalhada uma sequência de passes. Para tanto, os alunos foram dispostos na quadra em quatro filas voltadas para o centro, no formato de um sinal de adição (+). O objetivo instruir/ informar que o aluno que estivesse à frente passasse a bola para o primeiro que estivesse na fila a sua frente e corresse para o fim da sua própria fila. Feito isso, o aluno deveria correr para a fila do lado em sentido horário e, num segundo momento, no sentido anti-horário.

Percebeu-se, em algumas turmas, resistência à realização da atividade. Com isso, faltou dinamismo na movimentação dos mesmos nas trocas das filas. Por outro lado, a realização da atividade teve grande envolvimento dos alunos que pode ser traduzido pela grande movimentação na execução dos passes e, principalmente, no desejo dos participantes em tocar e receber a bola. Ainda que se tratasse de alunos do ensino fundamental II, em relação aos aspectos cognoscitivos e coordenativos, foi visível a dificuldade demonstrada por um número expressivo de alunos em se orientarem nos sentidos horário e anti-horário, direita e esquerda nos momentos de deslocamento para outras filas.

A segunda atividade consistiu na adaptação do jogo do espião. A meta era passar a bola para o colega que estava infiltrado na equipe adversária de forma a levar o maior número de espiões para o outro lado. A equipe que conseguisse infiltrar o maior número de espiões no campo adversário venceria o jogo. Nessa dinâmica, foi possível introduzir elementos técnicos do corfebol, como passes e deslocamentos com a bola. Tem-se que o interesse maior das turmas na realização dessa

atividade se deveu à presença do aspecto lúdico com possibilidade de competitividade e interação entre meninos e meninas.

Foi realizado um círculo de conversa em que se retomaram informações sobre o corfebol, o passe como um importante fundamento técnico e tático de jogo. Na ocasião, foi problematizada a participação de meninas e meninos nas atividades desenvolvidas na aula. Da discussão, surgiram alguns levantamentos interessantes sobre a diferenciação biológica entre os sexos e o comportamento de meninos e meninas durante as atividades. Destacam-se algumas falas como: “As meninas ficam muito paradas.”, “Os meninos não passam a bola.”, “Os meninos são mais fortes e habilidosos.” e “As meninas são todas frescas e reclamam de tudo.”

No entanto, notou-se a necessidade de interação entre meninos e meninas para a realização do jogo. Dessa forma, as equipes adotaram estratégias durante o jogo como chamar o colega do time pelo nome para receber a bola que lhe era passada; o cuidado do jogador (a) que estava de posse da bola, repassá-la para o colega de equipe que se encontrava numa posição mais estratégica ou próxima, o que por vezes incluía um menino passar a bola para uma menina, tendo como meta que a bola chegasse até o espião daquele time que se encontrava infiltrado na equipe adversária.

Na 3ª aula, deu-se continuidade ao trato dos elementos técnicos básicos da modalidade através de jogos realizados numa perspectiva lúdica. Numa conversa inicial com a turma, foram retomados os principais aspectos tratados na aula anterior, bem como a instrução das atividades que seriam realizadas naquela aula. Ressalta-se a preocupação por parte dos acadêmicos em relacionar as atividades desenvolvidas com os fundamentos técnicos da modalidade corfebol.

A primeira atividade consistiu num jogo tipo pique-pegar no qual um aluno com a posse da bola pegava um integrante da equipe adversária. Se tivesse êxito, passava a ser um pegador e auxiliar na tarefa de passar a bola. Já na segunda atividade, a dinâmica consistia em duas equipes que trocavam passes entre si com a finalidade de marcar pontos no campo de defesa adversário. Para atingir tal objetivo, os alunos deveriam criar estratégias e movimentações a fim de passar a bola para um colega, que ao recebê-la, estivesse em um dos bambolês posicionados no fundo do campo adversário. Ficou estabelecido que entre os integrantes das equipes adversárias meninos marcariam meninos e meninas marcariam meninas. Também foram acrescentadas durante a atividade outras bolas de diferentes modalidades esportivas. Dentre as dificuldades encontradas por alguns alunos na realização desta atividade, estava na observância às regras do jogo, dentre elas destacam-se a não permissão de deslocamento do aluno com a posse de bola, bem como a realização de marcações individuais. Como momento final da

aula, foram problematizadas junto às turmas questões como: “É mais difícil marcar sempre a mesma pessoa ou qualquer pessoa do jogo?”, “Quando acrescentamos mais bolas ao jogo, torna-se mais fácil ou difícil? Por quê?”, “Qual a importância da cooperação no jogo?” e “Como se foi a experiência de um jogo misto onde somente era permitido apenas meninos marcavam meninos e meninas marcavam meninas?” A partir dessas questões norteadoras, foi possível estabelecer discussões profícuas sobre a temática nas turmas atendidas pela presente proposta de ensino.

A partir do tema Vivenciando os fundamentos do corfebol, na 4ª aula, foi proposto o trato dos fundamentos: lançamento, arremesso, recepção da modalidade por meio de jogos e brincadeiras. Inicialmente, foram retomadas algumas situações trabalhadas na aula anterior como: “Quais fundamentos do corfebol foram trabalhados na aula passada?” e “Como foi a experiência de menino marcar menino e menina marcar menina?” No segundo momento, foi trabalhada uma atividade que se assemelhava ao jogo “bobinho”, onde foi solicitado aos alunos que formassem um círculo e trocassem passes entre si, com a regra de que meninos deveriam passar a bola somente para meninas e os meninos para os meninos. No decorrer da atividade, visando complexificar a ação, foi posicionado no centro do círculo um aluno com a função de interceptar os passes. A partir de alguns comandos ao longo da atividade, inseriram-se outros fundamentos e suas diversificações, buscando variar a quantidade de bolas e o número de interceptadores. No terceiro e último momento da aula, a atividade proposta envolveu a formação de filas, em que os alunos dispostos na posição inicial trocariam os passes aprendidos anteriormente, deslocando-se pelo espaço até os postes do corfebol, finalizando com a tentativa de arremessos da bola. Na discussão final, foram problematizadas as seguintes questões: “Quais passes foram realizados?”, “Quais os fundamentos da modalidade corfebol que foram trabalhados?” e “Quais estratégias facilitaram o recebimento da bola durante o jogo?”.

O trabalho com os fundamentos: lançamento, arremesso, recepção e defesa através de jogos e brincadeiras foram retomados na 5ª aula. Numa breve conversa inicial, foram abordadas questões como: “Quais os fundamentos do corfebol trabalhados na aula anterior?”, “Quais foram as dificuldades na realização delas?” e “Como tem sido a experiência da consideração do gênero na dinâmica do jogo?”. Na sequência, foram retomados, a partir de jogos e brincadeiras, os fundamentos da modalidade. Em alguns momentos se fez necessário interromper a atividade e retomar algumas informações já discutidas com o grupo, relativas às regras oficiais e condutas dos participantes, principalmente nas situações em que a categoria gênero estava envolvida.

Encerrou-se a aula com breve discussão sobre situações problemas relacionadas aos

fundamentos trabalhados e a relação que se estabeleceu entre os gêneros na condução das atividades propostas para aquela tarde.

Nas 6ª e 7ª aulas, trabalhou-se o jogo propriamente dito, levando-se em consideração a aproximação com os fundamentos e regras oficiais. Manteve-se a estrutura adotada nas aulas anteriores, ou seja, iniciaram-se com um círculo pedagógico em que se buscava retomar aspectos relacionados à execução dos fundamentos, regras e integração meninos e meninas no jogo. Na sequência, com a intervenção dos acadêmicos, eram organizadas as equipes. Os jogos aconteciam com adaptação do tempo de duração visando à participação de todos. Durante os jogos, observou-se, em sua maioria, o cumprimento das regras pelas equipes. Quando as regras não eram cumpridas, o jogo era interrompido para considerações dos acadêmicos e retomado em seguida. As rodas de conversas finais versavam sobre aspectos gerais relacionados à modalidade corfebol.

Considerações Finais

Diante das constatações obtidas ao longo do desenvolvimento da proposta relatada neste trabalho e considerando suas limitações, é possível afirmar que se trata de uma prática de intervenção que oportunizou aos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física ampliar as perspectivas compreensivas da atividade docente por meio de análise, discussão, ação e reflexão alicerçadas no campo da Didática e Metodologia do Ensino da Educação Física.

Para além das intenções estabelecidas na proposta, os depoimentos dos acadêmicos, nas reuniões semanais, ocorridas no decorrer da execução do projeto de ensino, evidenciaram a importância do planejamento coletivo para o trato didático pedagógico dos esportes paralímpicos na escola. Chamou a atenção as possibilidades percebidas pelos acadêmicos como implicação direta do ato de planejar as ações pedagógicas, o repensar dessas ações, haja vista a imprevisibilidade que marcou determinados momentos da programação semestral da escola, bem como a aquisição de novas aprendizagens e conhecimentos por meio das pesquisas, leituras e discussões no decorrer da proposta de ensino.

O trato com um conteúdo não tradicional no ambiente escolar trouxe inúmeros desafios, como também proporcionou experiências e aprendizagens acerca de uma modalidade esportiva ainda pouco difundida no Brasil e, por conseguinte, nas aulas de Educação Física.

Nessa perspectiva, a partir dessa proposta, na qual figurou o corfebol como conteúdo privilegiado no projeto de ensino, foi possível a percepção dos acadêmicos da importância de se diversificar os conteúdos nas aulas, em especial de conteúdos como o corfebol que possibilita práticas inclusivas nas aulas Educação Física.

No decorrer da efetivação da presente proposta de práticas pedagógicas, converteram-se

em lugar comum as discussões enriquecedoras que contemplavam a docência em Educação Física a partir da profusão dos saberes que alicerçam a atuação do professor. Destacou - se a problematização do fazer pedagógico nos momentos de aula na escola pelos acadêmicos. Nas ocasiões de planejamentos coletivos, na elaboração dos planos de aula, os momentos de problematização eram estruturados para acontecerem em períodos: no início, com questões pertinentes ao tema da aula e, no final, no círculo de discussão. As situações de aprendizagem que aconteciam no decorrer da aula se tornavam questões a serem problematizadas teoricamente.

A consideração da categoria gênero como um dos objetivos da proposta de práticas pedagógicas, instigou grande parte dos acadêmicos a atentarem sobre situações que ocorriam durante os momentos de intervenção na escola. Com isso, foram recorrentes discussões durante as reuniões com o grupo sobre situações de sobrepujança masculina as quais, na maioria das vezes, não se sustentavam na argumentação dos meninos como a falta de habilidade motora e o pouco interesse por parte das meninas pelas atividades propostas nas aulas de Educação Física.

Tendo em vista que a proposta, aqui relatada, configura-se como parte integralizada a ações desenvolvidas pelo Subprojeto Educação Física do PIBID-UFV, não é demais ressaltar que os significados que os acadêmicos constroem da docência em Educação Física, no desenvolvimento das atividades formativas, potencializam lhes elementos para que surjam novas propostas e possibilidades de abordar os conteúdos inerentes a esse componente curricular na escola. Sobretudo, esses significados contribuem, diretamente, na construção de uma identidade profissional docente.

Desta forma, promover propostas de práticas pedagógicas na busca implementar a formação inicial de futuros professores para a Educação Básica, é um esforço que merece ser concretizado. Assim, sugerem-se novas propostas de vivências sobre o tema que possibilite, sobretudo, o acesso à articulação e apreensão de saberes e seus procedimentos pelos futuros licenciados em Educação Física.

Notas

¹ O curso de licenciatura em Educação Física da UFV encontra-se em processo de mudanças em sua matriz curricular. Dentre as alterações, ressaltam-se a inserção da disciplina Prática de Ensino com carga horária total de 400 horas efetivas, o aumento no número de disciplinas de natureza pedagógica e a carga horária total do curso que passará de 2800 horas para 3200 como determina o Parecer CNE/CP n. 2/2015 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica. A implementação dessas alterações está prevista para o primeiro semestre letivo de 2017.

² Em linhas gerais, o corfebol consiste numa modalidade esportiva de origem holandesa, criada por Nico

Broekhuysen em 1902, que sentiu a necessidade de introduzir uma nova perspectiva para suas aulas de Educação Física, que fosse sendo possível integrar homens e mulheres em uma mesma prática esportiva. A palavra Korfbal significa "bola ao cesto" e o jogo consiste em marcar pontos acertando um alvo. Há uma troca de passes entre os jogadores, um ataque e uma defesa e não existe contato físico, sendo uma de suas principais regras. Informações mais detalhadas sobre o corfebol poderão ser acessadas no site da Federação de corfebol do Rio de Janeiro, disponível em: <http://www.fcerj.com.br/>

Agradecimentos

Aos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física (bolsistas de iniciação a docência) e ao professor de Educação Física (supervisor na escola parceira), bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Viçosa (PIBID-UFV) vinculados ao núcleo ensino fundamental II no semestre 2015.2.

REFERÊNCIAS

BORGES, C. A formação dos docentes de educação física. In: BORGES, C.; DESBIENS, J. F. (Orgs.). Saber, formar e intervir para uma educação física em mudança. Campinas: Autores Associados, 2005.

CANDAU, V. M. Rumo a uma nova didática. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAHUE, F.L.C. A abordagem do corfebol no âmbito do ensino formal e no treinamento desportivo. Anais do FIESLA, Fórum Internacional de Esporte e Lazer. Rio de Janeiro, 2006.

GIROUX, H. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes médicas, 1997. p. 157-163.

GUARNIERI, M. R. Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência. 2ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

GRAÇA, A. Conhecimento do professor de educação física. In: Bento, J. O.; R. Garcia, R.; Graça, A. (orgs). Contextos da pedagogia do desporto. Lisboa: Livros Horizontes, p. 166-251, 1999.

HUBERMAN, M. Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) Vida de professores. Porto/Portugal: Porto Editora, 2007, p.31-61.

MELLO, A. S.; SCHNEIDER, O.; SANTOS, W.; VOTRE, S. J.; FERREIRA NETO, A. Educação física e esporte: reflexões e ações contemporâneas. Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 175-193, abr/jun de 2011.

MILLEN NETO, A. R. FERREIRA, A. C.; SOARES, A. J. G. Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de Educação Física. Motriz, Rio Claro, v.17 n. 3, p. 416-423, jul./set. 2011.

MONTEIRO, A. M. F. C. Professores: entre saberes e práticas. Educação & Sociedade, Campinas, SP, 22 (74), 2001. Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

PIMENTA, S. G. (org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, C. et al. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

VAGO, T. M. Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ZEICHNER, K. M. Políticas de formação de professores nos Estados Unidos: como elas afetam vários países do mundo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.